



30 – O Sagrado e o Profano

P. *Boa tarde.*

Voltamos ao vosso convívio para mais um programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco.

Vamos conversar com o Elicídio Bilé depois de um fim-de-semana prolongado com dois feriados – um nacional e outro concelhio.

A propósito destes dois feriados pergunto-lhe:

- Como foram vividos pelos portugueses em geral e, particularmente, pelos portalegrenses?

P. Boa tarde.

De facto essa pergunta é um bom início para a nossa conversa de hoje. Celebraram-se duas festas, uma sagrada e outra profana, em dias consecutivos. Como tal foram dois feriados que, com o fim-de-semana, deram origem a umas mini-férias.

Pergunta-me como foram vividos pela população. Eu estou tentado a dizer que foram vividos como mini-férias (passeios, lazer...). Muitas pessoas passaram ao lado dos acontecimentos que se celebraram, alguns até desconheciam o seu significado. Para a grande maioria foram dias para um “merecido descanso”, mesmo com chuva.

Quanto ao feriado municipal, o dia da cidade, não teve a relevância que lhe tem sido dada ao longo dos anos e, como tal, acabou por ter reflexos no interesse e na participação das pessoas.

Quanto ao feriado do “Corpo de Deus”, até muitos cristãos passaram ao lado, limitando-se a participar na eucaristia, para cumprir preceito porque,

se calhar, valia a pena aproveitar os dias de férias dados com tanta generosidade pelo calendário. Se para o Dia da Cidade faltou um programa condigno que fosse mobilizador, para a festa do Corpo de Deus não faltou o apelo nem a mobilização, mas faltou o interesse, a motivação e a participação.

Não nos podemos dar por satisfeitos só porque em Portalegre a Sé estava quase cheia de fiéis, até porque não houve outras missas na cidade.

P. *Significa que, em seu entender, as pessoas ficaram alheadas das celebrações. Acha que foi só para tirar uns dias de férias?*

R. Como disse, as razões são de vária ordem. Talvez valha a pena falar um pouco sobre cada uma das festividades.

P. *Pois bem, começemos então pelas festas da cidade. Concorda?*

P. Perfeitamente. Façamos um pouco de história.

No longínquo 23 de Maio de 1550, reinava em Portugal D. João III, quando a vila de Portalegre é elevada a cidade. E, apesar disso, tão mal tratado foi este rei, no final do séc. XX, por alguns portalegrenses que, de espírito toldado pelo PREC – pós 25 de Abril, atiraram com a sua estátua para os armazéns da Câmara Municipal alegando que foi um monarca “*fascista*” e “*persona non grata*”. Mais tarde, muito a “contra gosto”, lá colocaram a dita estátua, escondida e de costas voltadas para o Hotel que ostenta o seu nome, ao que parece já por pouco tempo e, finalmente, serve de guardião ao novo edifício da Câmara Municipal de Portalegre.

Mas, a verdade é que, em virtude desta promoção de vila a cidade, que a D. João III se deve, quer alguns queiram quer não, Portalegre teve um forte crescimento económico e, foi em função desse crescimento, que se edificou

um riquíssimo património arquitectónico que chegou aos nossos dias embora nem sempre bem tratado e conservado.

Se olharmos para as datas destas edificações, constatamos que se iniciaram no séc. XIII e se desenvolveram até meados do séc. XIX.

De então para cá, Portalegre continuou a crescer sem contudo se continuar a apostar na qualidade das edificações, a não ser com algumas obras particulares como foi o caso da construção do Seminário de Portalegre, cuja arquitectura simples e moderna não deixa de representar um oásis no deserto de ideias e na paupérrima capacidade empreendedora do município e do poder central que sempre tem estado de costas voltadas para esta região. Também de salientar a construção do colégio de Santo António, propriedade da diocese de Portalegre e Castelo Branco e do edifício do Tribunal, construído com mão-de-obra prisional.

A excepção verificou-se nos últimos 5 anos, com algumas meritórias recuperações.

Mas, Portalegre esteve mais uma vez em festa. Celebrou mais um aniversário – 458 anos de existência como cidade e, por isso, não é a altura propícia para lamentos desta natureza. Ficarão para outra ocasião.

É a propósito das festas do concelho que vou, hoje, reflectir convosco.

As feiras e as romarias foram ao longo dos tempos a oportunidade para que as populações pudessem conviver entre si sem as preocupações do dia a dia, num clima de saudável alegria, construção de paz e partilha daquilo que cada um tem de melhor dentro de si.

Por cá, na última metade do século passado, estas festas foram sendo descaracterizadas e transformadas em oportunidade de negócios, afastando muitas pessoas de nelas participarem.

Foi com esta preocupação que, no ano de 1983, eu próprio e a Dr.^a Maria da Piedade Murta, então vereadores na Câmara Municipal de Portalegre, construámos, com a ajuda de alguns colaboradores, e colocámos em

marcha, um programa de festas comemorativas do dia da cidade, assente numa multiplicidade de realizações de carácter popular, recreativo, desportivo e cultural, com a participação das populações da cidade e das freguesias rurais.

Foi nesta altura que se recriaram as “maias”, e os desfiles de carroças engalanadas provenientes das freguesias, recordando os antigos cortejos de oferendas a favor da Santa Casa da Misericórdia; que se deu início aos saraus de ginástica e das “milhas urbanas” – prova de atletismo que levou à participação das populações de todas as freguesias do concelho, dos mais novos aos menos novos, homens e mulheres; de concertos instrumentais e corais polifónicos, para além de mais uma série de outros eventos de carácter desportivo e cultural.

Foi assim durante os três anos de mandato em que ambos estivemos ao serviço da autarquia.

De então para cá, o dia da cidade e do concelho foi uma repetição fastidiosa daquilo que iniciámos, sem se inovar e com perca da qualidade e a ausência do espírito com que foram concebidas.

Mais tarde, felizmente, o Prof. Luís Pargana enquanto vereador da cultura, alterou não só o modelo das festas do concelho, mas também, o panorama cultural desta nossa região.

Desde então muitos foram os que visitaram Portalegre, vindos dos mais diversos lugares do país, e também da nossa vizinha Espanha, para assistirem ou participarem nos inúmeros eventos que se realizaram com muita qualidade e dignidade.

Bom seria para Portalegre que este exemplo frutificasse e se multiplicasse para que nos voltássemos a sentir verdadeiramente orgulhosos da nossa terra.

P. *Mas, então, o que aconteceu este ano e que deu origem ao início desta nossa conversa?*

R. Este ano, nem houve as tais fastidiosas repetições do passado, nem o colorido das festejadas mudanças que se operaram nos últimos anos.

Este ano, as celebrações quedaram-se pela atribuição de distinções honoríficas municipais, pela actuação de ranchos folclóricos, pelo eterno desfile das “maias” e uma sardinhada oferecida pela Câmara à população, tendo, a finalizar, um concerto no Centro de Artes do Espectáculo.

O resto foi para tentar encher um mini calendário com inauguração de duas obras: uma, a remodelação da estrada da serra e outra, o lançamento da primeira pedra do Centro de Saúde de Caia.

Pergunto:

Foi por falta de dinheiro ou por falta de imaginação?

Talvez por tudo isto a população tenha ficado em casa ou ido a banhos, apesar do tempo.

Heraclito – o filósofo Grego, dizia:

“Nada perdura, senão a mudança.”

Mas que triste mudança acrescento eu.

P. *Falámos da festa profana, como lhe chamou. Falemos agora da outra festa, a festa Santa da Celebração do Corpo de Deus.*

-Qual o seu significado para a cristandade e para o mundo em geral?

R. Esta festividade designa-se como a *“Festa do Corpo e do Sangue de Cristo”*, conhecida popularmente como a festa do *“Corpo de Deus”*.

A Igreja realiza esta celebração há mais de sete séculos e meio através da bula do Papa Urbano IV promulgada em 1264, com missa e ritos próprios.

Esta festa ocorre no 60.º dia após a Páscoa e celebra-se, obrigatoriamente numa quinta-feira, porque tem uma íntima ligação com a Última Ceia de Jesus Cristo na quinta-feira santa.

P. *Quer explicitar?*

R. Como sabe, Jesus Cristo na Última Ceia, instituiu a Eucaristia ao partir o pão e ao abençoar o vinho, dando-o aos discípulos, disse:

- *“Tomai e Comei, isto é o MEU CORPO”*;
- *“Tomai e Bebei, isto é o cálice do MEU SANGUE”*;
- *“Fazei isto em memória de MIM”*.

Jesus Cristo, desta forma na Última Ceia, perpetuou a sua presença no mundo, no meio dos homens. Tornou-se presente nestas duas espécies para toda a eternidade. Ele está presente na hóstia consagrada e por isso o adoramos nas nossas Igrejas.

Inicialmente a hóstia consagrada era adorada só durante o tempo da missa e da comunhão. A sua posterior conservação foi prevista para levar a comunhão aos doentes e aos que não podia participar na eucaristia.

Só mais tarde, durante a Idade Média, se inicia um culto dirigido à presença eucarística no sacrário e se deu um maior relevo à adoração.

No século XIII a adoração da hóstia consagrada desenvolve-se fora da missa, com o aumento da participação do povo através da procissão do Santíssimo Sacramento.

A procissão do Corpo e Sangue de Cristo tornou-se, assim, a mais importante para os Cristãos Católicos.

P. *Porque diz que é a procissão mais importante?*

R. Em primeiro lugar porque a Eucaristia é o centro da vida do cristianismo. É o memorial da morte e ressurreição de Cristo, através do

qual e pela comunhão do Seu Corpo e Sangue, tornamo-nos membros do Seu Corpo Místico que é a Igreja. Apresentá-Lo ao mundo, trazê-Lo para rua é dar testemunho de que Ele habita no meio de nós.

Em segundo lugar porque a procissão com o Santíssimo Sacramento é recomendada pelo Código de Direito Canónico, no qual se refere que:

"Onde, a juízo do Bispo diocesano, for possível, para testemunhar publicamente a veneração para com a santíssima Eucaristia faça-se uma procissão pelas vias públicas, sobretudo na solenidade do Corpo e Sangue de Cristo" (cân 944, §1).

P. *Pensa que os cristãos estão alheados desta realidade?*

R. Creio que muitos estarão, mas não todos.

Acredito que muitos cristãos têm perfeita consciência da sua missão, que têm os olhos postos na Sagrada Eucaristia, em Jesus que está presente entre nós e nos constitui seus membros. Nós somos o Corpo de Cristo e membros unidos a outros membros. Deus quis ficar no sacrário para nos servir de alimento, para nos tornarmos fortes, para tornar eficaz o nosso trabalho.

Jesus é simultaneamente o semeador, a semente e o fruto da sementeira: é o Pão para a vida eterna.

Há uns anos atrás, no dia 28 de Maio de 1964, Josémaria Ercrivá – fundador da Opus Dei dizia numa homilia proferida na celebração do dia do “Corpo de Deus”:

“A procissão do Corpo de Deus torna Cristo presente nas aldeias e cidades do mundo. Mas essa presença, repito, não deve ser coisa de um dia, ruído que se ouve e se esquece. Essa passagem de Jesus lembra-nos que temos também de

descobri-Lo nos nossos afazeres quotidianos. A par da procissão solene desta quinta-feira, deve ir a procissão silenciosa e simples da vida corrente de cada cristão, homem entre os homens, mas com a felicidade de ter recebido a fé e a missão divina de se comportar de tal modo que renove a mensagem do Senhor sobre a Terra. Não nos faltam erros, misérias, pecados. Mas Deus está com os homens, e temos de nos dispor a que se sirva de nós e se torne contínua a sua passagem entre as criaturas. É Cristo que passa."

P. *Parece-me que fez uma análise interessante a este fim-de-semana prolongado. Como chegou a esta ligação entre duas festas tão distintas?*

R. Como já referi, primeiro por coincidência de calendário, depois porque em ambas as realidades se notou a fraca participação das pessoas.

Quanto à leitura que faço das duas situações, são resultado da observação que tenho vindo a fazer dos fenómenos sociais deste tempo de desmotivação, de apatia, de falta de confiança, de descrença no futuro.

O Mundo em geral e o nosso país em particular, estão em profunda crise de identidade. Caem as fronteiras, globaliza-se o comércio, o homem menoriza-se em função da técnica, até Deus é afastado da vida pessoas como qualquer coisa de que se possa prescindir.

As preocupações do poder central estão na economia e, apesar disso, não encontra a solução mais adequada para a recuperação económica e social.

As preocupações do poder local estão na gestão dos recursos financeiros para fazer face aos endividamentos sucessivos.

Por tudo isto não há festa, não se aposta nas pessoas, não se criam incentivos à confiança e ao retomar da esperança que parece perdida.

Por outro lado, a Igreja que vive no mundo e é constituída por homens, parece letárgica, cheia de rotinas, sacramentalizada e pouco apostólica. Fecha-se em si própria e deixa de ser sinal para o mundo.

Jesus que pela sua ressurreição ficou connosco na eucaristia, que se tornou alimento para os cristãos e é o único caminho para a verdadeira felicidade, deve transformar cada cristão em cidadão responsável na vida social, em trabalhador eficaz e competente nas empresas e em ser sinal para os outros homens que ainda não descobriram o verdadeiro caminho que é Ele próprio, Jesus Cristo.

Esta é a responsabilidade de cada um de nós para transformarmos este mundo de hipocrisia num mundo livre e justo.

Aí, então, haverá festa.

Muito boa tarde para todos.

P. *Com estas palavras do Elicídio Bilé terminamos, por hoje, mais um programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana, agradecendo, mais uma vez, ao Elicídio Bilé a sua comunicação.*

Obrigado pela vossa atenção. Despeço-me até ao próximo programa de hoje a quinze dias.

Muito boa tarde.

Portalegre, 28 de Maio de 2008

Elicídio Bilé